



Cadernos IHU Idéias

**Simões Lopes Neto
e a Invenção do Gaúcho**

Dr^a Márcia Lopes Duarte

ano 1 - nº 08 - 2003 - 1679-0316

 **UNISINOS**

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Centro de Ciências Humanas

Diretor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Coordenador

Inácio Neutzling, SJ

Cadernos IHU Idéias

Ano 1 – Nº 08 – 2003

ISSN 1679-0316

Editor

Inácio Neutzling, SJ

Conselho Editorial

Dárnis Corbellini, Laurício Neumann,
Rosa Maria Serra Bavaresco e Vera Regina Schmitz

Responsável técnico

Telmo Adams

Editores Eletrônica

Paulo Furasté Campos

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Instituto Humanitas Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467
humanitas@poa.unisinos.br
www.ihu.unisinos.br

SIMÕES LOPES NETO E A INVENÇÃO DO GAÚCHO

Dr^a Márcia Lopes Duarte¹

*Pampa:
yo sé que te desgarran
surcos y callejones y el viento que te cambia.
Pampa sufrida y macha que ya estás em los cielos,
no sé si eres la muerte. Sé que estás em mi pecho.
BORGES. Al horizonte de um suburbio.*

O foco principal deste trabalho, centralizado na análise de textos literários, é demonstrar de que modo Simões Lopes Neto cria um mundo ficcional no qual a figura do gaúcho é o elemento fundamental, que encerra em si as características e os valores que viriam a ser considerados essenciais para a constituição da identidade dos habitantes da região sul do Brasil. Além disso, procurar-se-á demonstrar a pertinência de cotejar a análise dos contos do autor pelotense com o estudo de contos do argentino Jorge Luis Borges, cuja obra acerca da *gauchesca* platina opera a mesma identificação em relação ao *gaúcho*, que habita a porção sul do continente latino-americano.

Além da relevância temática, observa-se, na comparação das obras, outro fator que se impõe no horizonte a ser perseguido: a adequação da forma ao conteúdo. Desse modo, o estudo proposto visa à busca de possibilidades de enquadramento entre os temas que vão sendo enfocados e a forma como tais temas se constroem ao longo dos textos.

A identidade e a integração, pontos chave a serem definidos neste texto, são dois questionamentos constantes no continente latino-americano. A abordagem que aqui se inicia tentará demonstrar o modo como a Literatura equaciona tais fatores, ge-

1 Professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, doutora e mestre em Letras pela UFRGS, com tese intitulada: Os Sussurros da Sombra: A Literatura Escrita por Mulheres na América Latina como (Sub)Versão da História. Simões Lopes Neto foi tema de pesquisa na dissertação de mestrado da professora, com o título Identidade na América Latina, Dois Casos Paradigmáticos: Simões Lopes Neto e Jorge Luis Borges.

rando novas perspectivas que se conjugam para tentar solucionar, pelo menos no campo da ficção, tais questionamentos.

O ponto básico a ser ressaltado na comparação proposta anteriormente é a possibilidade de, partindo de um registro regional, demonstrar a universalidade das situações descritas. O que se pretende, ao dissertar sobre a análise do mundo em que o gaúcho se encontra inserido, apreendido nas narrativas ficcionais de Simões Lopes Neto, e também de Borges, é demonstrar que há, nas obras regionalistas, a possibilidade de inserção em uma perspectiva mais abrangente, que ultrapassa os limites dos questionamentos locais. O gaúcho de Simões Lopes Neto prescinde do tipo idealizado e supera tal perspectiva, revelando-se detentor de uma tradição literária universal, que o recupera para a eternidade.

A fim de melhor delimitarmos o horizonte da presente análise, faz-se necessário um breve apanhado acerca das características histórico-sociais que possibilitarão o surgimento, ou invenção como propusemos no início deste texto, do gaúcho na Literatura, via Simões Lopes Neto. A literatura gauchesca, como seu próprio nome enfatiza, está centrada na figura do gaúcho. Ao longo do tempo, e também do espaço, tal personagem assume diferentes formas, passando de ente historicamente dado a mito, pelo tratamento literário que lhe é dispensado.

Ao nos referirmos à figura do gaúcho, faz-se necessário, em um primeiro momento, um levantamento das possibilidades em que esta se desdobra. A permanência do gaúcho enquanto entidade mítica é o ponto que ressaltaremos a seguir.

Segundo Mircea Eliade, o mito é a *história do que se passou in illo tempore, a narração daquilo que os deuses ou os seres divinos fizeram no começo do Tempo*.²

A fixação, pela narrativa mítica, de uma determinada situação exemplar, remetendo, ou não, a uma realidade histórica, que se deseja perpetuar, é o ponto de partida de todo o mito. No entanto, nem todo o mito comporta um caráter ideológico fixo e imutável, uma vez que a possibilidade de transformação é inerente aos mitos, ainda que estes se desdobrem em novas formas míticas.

No caso do gaúcho, o que se evidencia é uma necessidade de legar à coletividade um passado heróico e grandioso. Contudo, existe também um movimento em sentido contrário, que, roubando ao mito sua heroicidade, desloca-o para a vida cotidiana, resgatando a possibilidade de identificação com o homem comum.

Pode-se perceber, então, que tal movimento se dá não no sentido de uma desmitificação, mas no sentido de uma remitifi-

2 ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.80.

cação. O que ocorre nas obras que analisaremos a seguir é um reaproveitamento das formas míticas a fim de construir uma identidade que, diferenciando-se da narrativa mítica original, se aproxime, não da realidade objetiva, mas de uma possibilidade literariamente fixada.

Tal possibilidade literária, entretanto, distancia-se, e este é o enfoque principal do presente trabalho, da marca ideológica que o mito primordial comporta. Em outras palavras, podemos perceber que, apesar de não destruir o sentido mítico que caracteriza a figura do gaúcho, Simões Lopes Neto opera uma transformação em relação a ela, a ponto de vertê-la em seu contrário, desvelando sua pretensa heroicidade, a fim de revelar um conteúdo anti-heróico, identificado ao homem comum.

O ponto seguinte a ser explanado diz respeito ao estatuto histórico do gaúcho, visando esclarecer de onde surge tal personagem, que passou a agregar, ao longo do tempo, tantas possibilidades semânticas.

Em pesquisa recente, Ricardo Rodriguez Molas encontrou diversas referências ao mesmo vocábulo [gaúcho], na segunda metade do século XVIII, e já em 1774 aponta os primeiros testemunhos. De suas apuradas investigações no Archivi General de la Nación ressaí a formação, na fronteira com o Brasil, de um grupo social constituído de peões, desertores e índios, entregues ao contrabando e ao roubo de gado...³

A partir do excerto acima, evidencia-se o fato de que, na origem, o termo gaúcho possui um sentido negativo que se vai desfazendo à medida que este é inserido no projeto civilizatório da classe dominante.

Podemos supor que, em meados do século XIX, a figura marginal do gaúcho estivesse praticamente extinta. E, por conseguinte, apta a renascer como instrumento de sustentação e imposição ideológica...⁴

A literatura teve papel de suma importância na fixação de tal ideologia, pois consagrou ao tipo gaúcho o lugar de fundador da pátria *gaucha*, tanto de um lado como de outro da fronteira. Nesse sentido, garantiu a elevação mítica desse personagem, obscurecendo seus defeitos e exagerando suas virtudes.

No entanto, à própria literatura coube o papel de desvendar o mito do gaúcho, no sentido de sua desmitificação, do aniquilamento do mito em prol de uma realidade dura e concreta, como

3 MEYER, Augusto. Gaúcho, história de uma palavra. In: _____. *Prosa dos pagos (1941-1959)*. Rio de Janeiro: São José, 1960. p.21.

4 GONZAGA, Sérgio. As mentiras sobre o gaúcho: Primeiras contribuições da Literatura. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sérgio (Org.) *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p.118.

no caso da *Trilogia do gaúcho a pé*, de Cyro Martins; ou no sentido da transformação do mito, já referida, no caso de Simões Lopes Neto.

*Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano.*⁵

É desse modo que Simões Lopes Neto inicia o livro *Contos gauchescos e Lendas do Sul*, e é a partir deste momento que o autor introduz Blau, o narrador que vai se encarregar de relatar ao “casos” por ele vividos ou presenciados. Blau Nunes descreve, ao longo das páginas do livro, as situações pelas quais passam, ainda que apenas simbolicamente, os homens do Rio Grande. Ele representa a rememoração de um passado, do modo como este poderia ter sido, mas, acima de tudo, Blau personifica a possibilidade de o homem comum do Sul do Brasil adquirir voz.

Segundo José Clemente Pozenato, *Blau Nunes é sua linguagem, é sua fala. Ele não é narrado por outrem, não é visto de fora. Não tem narrador, tem apenas ouvinte. O mundo começa a existir quando ele começa a narrar. Sua voz vem das origens, antes dele nada existe.*⁶

E o mundo que se delineia a partir da fala de Blau é exatamente o mundo do gaúcho, o espaço-tempo em que este atua, de modo a se constituir enquanto matriz de uma identidade distintiva das particularidades dos homens que habitam a porção mais ao Sul da América. Nesse sentido, pode-se destacar alguns elementos que servem de base à composição desse mundo, tal como o podemos perceber nos textos ficcionais. A análise destes elementos - a violência, o espaço e o tempo - é que propicia, ao leitor de Simões Lopes, a imersão na realidade *gaúcha*, uma vez que revela, também, a similaridade com autores hispano-americanos, particularmente com a feição gauchesca da obra de Jorge Luis Borges.

A violência é o principal traço que distingue o mundo do gaúcho, sendo que a principal característica de tal mundo é a utilização dessa violência como *modus operandi*. Os habitantes das planícies sulinas relacionam-se uns com os outros e com o mundo externo através das lutas, das *peleas*.

Assim, o caráter negativo, maléfico, de tais atitudes é suprimido em função de um modo de expressão que se reveste da ação violenta para poder sobreviver. Pela impossibilidade de obter um canal de comunicação autorizado, o gaúcho literário garante a propagação de sua voz pela via da violência explícita. Pode-se perceber, nos textos de Simões Lopes, que o componente

5 LOPES Neto. João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. Porto Alegre: Globo, 1949. p. 123. (as páginas entre parênteses referem-se a esta edição).

6 POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974. p. 47.

principal para o desenvolvimento da ação é, de alguma forma, o comportamento violento das personagens. No entanto, esse comportamento, na maioria das vezes, não é objeto de censura, sendo, antes, um dos valores primordiais que rege o mundo em que ocorre a ação.

Entretanto, nem toda a forma de violência é legitimada, ou legitimadora. Quando engloba atos de covardia, principal interdito da coletividade aqui descrita, a violência passa a ser condenável e a pessoa que a pratica perde a identidade, tornando-se marginal neste mundo que está à margem.

Em grande parte dos textos que compõem a literatura gaúchesca em geral, e não apenas na obra de Simões Lopes Neto, O enredo se move através da explicitação de alguma forma de violência. Isso acontece porque existe um determinado aspecto da violência que exprime o gaúcho, distingue seu comportamento dos demais e revela suas peculiaridades. O duelo, a luta, a *pelea*, são algumas das formas que a violência autorizada, lícita, assume nesse contexto.

O início do conto *O negro Bonifácio* exemplifica uma ambigüidade em relação ao comportamento do gaúcho.

...Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado! ...mas, taura, isso era também! (p. 181)

A situação de embate que perpassa o conto inicia pelo cenário, uma *carreira grande*. Na menção à carreira, já se pode visualizar o clima de competição que move as personagens. As relações se estabelecem, num tal ambiente, baseadas na maneira que é utilizada, por cada um dos contendores, para obter um mesmo objeto de desejo: uma vitória, uma moça bonita, a chefia de um determinado grupo.

Entraram na cancha os parceiros, todos dois pisando na ponta do casco, mui bem compostos e lindos, de se lavar com um bochecho d'água.

Fizeram as partidas; largaram; correram: ganhou, de fiador, o do Nadico, o tordilho. (p. 134)

Logo após a corrida, inicia-se a luta, descrita no mesmo tom grandioso da carreira.

Que peleia mais linda!

Vinte ferros faiscaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido. (p. 134)

Justificadas as atitudes, pelas contas que deviam ser ajustadas, a luta adquire o mesmo valor da corrida de cavalos, o enfrentamento é perfeitamente lícito, pois o código de honra se mantém, regido pela ética peculiar do gaúcho.

Dentro de uma tal situação, o papel da lei estabelecida, normalmente representada pela polícia, é sempre divergente em relação ao comportamento assumido pelos gaúchos. Toda vez

que os representantes da ordem entram em cena, as diferenças locais são esquecidas em prol de um interesse maior, manter o *status quo* existente.

A covardia revelada pela polícia no desfecho do conto *Contrabandista* é um exemplo das diferenças de atuação entre os habitantes do pampa e a ordem pré-estabelecida. Jango Jorge, homem talhado na prática do contrabando, quando em confronto com a força policial, passa a ser apenas o pai extremoso que deseja garantir o enxoval da filha.

– *A guarda nos deu em cima... tomou os cargueiros... E mataram o capitão, porque ele avançou sozinho pra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto... e ainda amarrou no corpo... Aí foi que o crivaram de balas... parado... Os ordinários!... Tivemos que brigar pra tomar o corpo!* (p. 211)

O que se pode observar é uma dissonância entre a ordem vigente, a lei, a polícia e o grupo de que estamos tratando. Tal dissonância, que algumas vezes se converte em simples antagonismo, sem maiores conseqüências, pode levar a confrontos diretos, nos quais o detentor do poder qualificado é apresentado como causador de desgraças, por sua personalidade descaracterizada. Raramente um soldado ou policial assume uma identidade, ou seja, possui um nome.

Temos então, na análise das obras, a comprovação de que a violência se legitima pelo papel expressivo que assume. O meio que o habitante desse espaço marginal encontra para apresentar-se aos demais é o punhal, o *cuchillo*, respaldado por uma tábua de valores rígida ainda que nem sempre assimilável pelo forasteiro.

Quando algum dos valores descritos é quebrado, trazendo a vergonha para toda a coletividade, o indivíduo que cometeu o delito se descaracteriza, perdendo sua identidade. Dentre os valores do mundo do gaúcho, a valentia merece destaque, pelo importante papel que assume na luta pela sobrevivência. No entanto, nem todos os personagens dos contos analisados são exemplos de valentia. Alguns apresentam-se como covardes, que, preferindo salvar a própria pele, perdem o direito de serem identificados com seus iguais, gerando vergonha e repúdio.

Em um conto de Borges, denominado *Hombre de la esquina rosada*⁷, percebe-se o modo como a covardia descaracteriza o homem, tirando-lhe, inclusive, a posse da mulher considerada a mais bela da região.

Rosendo Juárez, *orillero* habituado aos combates, em uma determinada noite se recusa a participar de um duelo que lhe é

7 BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: EMECÉ, 1974.

proposto por um forasteiro. As conseqüências do ato de Juárez dão o tom da narrativa.

*Con las dos manos recibió Rosendo el cuchillo y lo filio como si no lo reconociera. Se empinó de golpe hacia atrás y voló el cuchillo derecho y fue a perderse ajuera, em el Maldonado. Yo sentí como un frío.*⁸

A covardia de Juárez leva outra personagem, no caso o narrador do conto, fato só desvendado pelo leitor no desfecho, a cumprir a obrigação que lhe fora destinada, a fim de que os valores do grupo se mantenham.

*Yo forcejaba por sentir que a mí no me representaba nada el asunto, pero la cobardia de Rosendo y el coraje insufrible del forastero no me querían dejar.*⁹

Sendo assim, pode-se perceber, pelas diferenças apontadas entre os modos como a violência pode se manifestar no mundo do gaúcho, que existem limites bem claros norteando o comportamento dos homens que habitam tal mundo. Não existe, portanto, uma supressão de regras, uma vez que estas existem e seu descumprimento acarreta a perda da identificação com o resto do grupo. O que se observa é a existência de um código que se choca com as leis pré-estabelecidas, talvez por prescindir destas para sua manutenção.

A violência expressiva, aquela que demonstra antes de tudo o modo de atuar do gaúcho, é, por força dos motivos apresentados, característica positiva, que define um dos principais meios de sobrevivência na sociedade que estamos descrevendo. Por outro lado, a violência ilícita, contrária às regras do grupo, descaracteriza quem a pratica, acarretando a perda da identidade, pois contribui, ainda que lentamente, para o desfacelamento de toda a coletividade, uma vez que todo o grupo se resente de sua influência. O caminho para a compreensão do mundo do gaúcho passa, então, pela relativização do conceito de violência, bem como dos conceitos de espaço e tempo, como veremos a seguir.

Para proceder a uma análise de como o espaço e o tempo são percebidos na ótica gauchesca, deve-se apontar, como objeto principal de estudo, a existência de dois espaços e dois tempos que norteiam o pensamento em questão: um é o real, ou presente, e outro, a imagem idealizada de um espaço-tempo perdido na vastidão da memória e da imaginação.

As duas possibilidades, o real e o imaginário, convivem dentro de cada narrativa, deixando entrever uma série de convergências e divergências que se mesclam para formar um novo

8 Id. *ibid.* p. 331.

9 Id. *ibid.* p. 332.

modo de interagir com a referencialidade. Assim, cada momento se constitui como um emaranhado de possíveis momentos, e cada lugar, como uma rede de lugares possíveis, onde se expressam homens que se espelham na figura de outros homens, detentores de um poder primordial.

A fusão das duas possibilidades descritas garante ao mundo do gaúcho, e a ele próprio, uma espécie de permanência sutil na eternidade, mas, ao mesmo tempo, demonstra a fragilidade do espaço-tempo presente (da narrativa), destinado a sucumbir, uma vez que se acha construído sobre as glórias e conquistas de um espaço-tempo irreal.

Estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem divisa, apenas os trilhos do gado cruzando-se entre aguadas e querências. (p. 139)

O espaço descrito por Blau Nunes no início do conto *No manantial* revela a duplicidade exposta acima. Se, por um lado, existe o espaço real, o pampa sul-rio-grandense, demarcado pelas diferenças geográficas e culturais, por outro, existe um pampa perdido nas referências nostálgicas, que revelam a fusão do comportamento do gaúcho, andarilho, independente, e do espaço que este ocupa, cuja supressão de cercas e, portanto, de limites, é a característica principal.

Nos textos de Simões Lopes Neto, há uma adequação descritiva que confere um tratamento poético a todos os espaços físicos. Percebe-se tal recurso estilístico, por exemplo, no conto *Boi velho*.

A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da família. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma volta forte, como uma meia-lua, onde as areias se amontoavam formando um baixo: o perau era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de propósito: era quase que pura guabiroba e pitanga, aração e guabiju; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo. (p. 159)

Tal poeticidade se torna mais entranhada à medida que o narrador vai se deixando levar pela imaginação, saindo do espaço real para atingir o espaço virtual, espaço do sonho, da lenda. A descrição do manantial, no conto assim denominado, é significativa desse procedimento narrativo, uma vez que tal espaço se converte, pela convicção do autor, em uma das personagens da trama.

Mas, onde eu quero chegar: vou mostrar-lhe, lá, bem no meio do manantial, uma cousa que você nunca pensou ver; é uma roseira, e sempre carregada de rosas... Gente vivente não apanha as flores porque quem plantou a roseira foi um defunto... e era até agouro um cristão enfiar-se com uma rosa daquelas!...

Mas, mesmo ninguém poderia lá chegar; o manantial defende a roseira baguala: mal um firma o pé na beirada, tudo aquilo treme e bufa e borbulha...(pp. 138-9)

Em todas as narrativas de Simões Lopes Neto, como nas de Borges, ainda que de modo diverso - Borges é econômico, enquanto Simões Lopes é prolixo -, o espaço se converte em espelho, em duplo dos homens que abriga, numa fusão de características que lhes garante, ao ambiente e ao habitante, um mimetismo impenetrável a olho nu. Em alguns momentos é impossível distinguir qual o referente do narrador, pois este pode ser tanto o espaço real como o espaço virtual, gerado pela imaginação, ou, até mesmo, o próprio gaúcho metamorfoseado *en la llanura*.

Do mesmo modo que o espaço, o tempo possui, no mundo que estamos desbravando, uma dupla referencialidade. Todo registro temporal contém em seu espectro uma multiplicidade de tempos, cuja função principal é recuperar um tempo original que, como sabemos, e também o sabem as personagens, está perdido para sempre. Tal perspectiva é observada no início do conto *Contrabandista*.

Foi o tempo do manda-quem-pode!... E foi o tempo que o gaúcho, o seu cavalo e o seu facão, sozinhos, conquistaram e defenderam estes pagos!...(p. 207)

Na confluência dessa busca, na qual só se pode contar com a imprecisão da memória, nem sempre confiável, e com a certeza da perda irremediável, cria-se uma situação que beira a atemporalidade, gerando, do mesmo modo que em relação ao espaço, um sentimento de supressão dos limites.

O texto *A Salamanca do Jarau*, considerado uma lenda por seu autor, sintetiza de modo expressivo a duplicidade do registro espaço-temporal que estamos tentando definir.

Talvez por se tratar de uma lenda, texto cuja ascendência fantasiosa autoriza alguns excessos, a história da princesa moura que se converte em lagartixa de cabeça reluzente esclarece, de forma concisa, a conformação dos limites, ou a falta deles, entre os espaços e os tempos abordados.

Um dia um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, um facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso. (p. 289)

Segundo Augusto Meyer, a versão [da lenda da Salamanca] que Simões Lopes desenvolveu é de extrema complexidade, e quase nada lhe resta daquele nódulo original.¹⁰

10 MEYER, Augusto. Nota sobre *Lendas do sul*. In: LOPES Neto. Op. cit. p.266.

Mesclando, como fica claro na *Nota* escrita por Meyer, várias abordagens, ou mesmo, lendas diferentes, Simões Lopes constrói uma narrativa perpassada pela mobilidade. Do mesmo modo que a princesa moura se transforma em Teiniaguá, o passado se transforma em futuro e a cova espanhola original converte-se numa gruta encravada no meio do pampa. Desse modo, o espaço e o tempo podem ser percebidos como ilimitados, devido ao fato de existirem paralelamente registros espaço-temporais diversificados.

No rastro do boi barroso, Blau encontra o santão da salamanca do cerro. Do diálogo entre os dois, surge a história da salamanca do cerro do Jarau, que Blau já ouvira sua avó contar. Nesse momento, a narrativa se desloca para um espaço e um tempo anteriores ao descobrimento.

– Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada - Salamanca - onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres na arte da magia. (p. 292)

Em seguida, temos a vinda dos mouros, disfarçados em cristãos, juntamente com a princesa encantada que detém as artes da magia, para as terras do Novo Mundo.

Assim bateram nas praias da gente pampiana os tais mouros... (p. 293)

Do contato entre os mouros e Anhangá-pitã, o diabo vermelho dos índios tupi-guarani, surge a Teiniaguá.

... Anhangá-pitã folgou, porque assim minava para o peito dos inocentes as maldades encobertas que aqueles chegados traziam [...] e lançando o bafo queimante do seu peito sobre a fada moura, desmudou-a em teiniaguá... (p. 293)

Nesse ponto, interrompe-se a narrativa de Blau, a ação retorna ao momento inicial e quem passa a narrar a sua história é o *vulto de face branca e tristonha*. A história do sacristão inicia no tempo das missões jesuíticas, tempo e espaço que, por remeterem à formação do Rio Grande do Sul, se revestem de um traço mitológico.

Do encontro entre o sacristão das missões e a Teiniaguá enfeitada, surge a salamanca do cerro do Jarau.

A teiniaguá fechou os tesouros da outra banda e juntos fizemos então o caminho para o cerro do Jarau, que ficou sendo o paiol das riquezas de todas as salamancas dos outros lugares. (p. 306)

Terminada a história do sacristão, novamente o tempo e o espaço iniciais são retomados.

Faz duzentos anos que aqui estou... (p. 306)

Ao entrar na furna, na posse do consentimento e dos conselhos do sacristão, Blau penetra em um tempo e um espaço lendários. No entanto, por não saber *governar o pensamento*

nem segurar a língua, só lhe resta, de toda a aventura, uma onça furada, que, mesmo sendo mágica, passa a ser um estorvo na vida de Blau, pois ele, apesar de ficar cada dia mais rico, perde os amigos e o sossego. Ao devolver a onça, Blau quebra, por saudar três vezes com um Nome Santo, o encanto que unia o sacristão à Teiniaguá.

E assim, quebrado o encantamento que suspendia fora da vida das outras aquelas criaturas vindas do tempo antigo e de lugar distante... (p. 322)

A existência dos dois amantes, unidos pelo infortúnio, do mesmo modo que a de Blau, só se consolida quando o limite espaço-temporal é reestabelecido. A supressão dos limites, experimentada pelas personagens ao longo da narrativa, longe de minimizar o trajeto a ser percorrido, torna-o mais longo e difícil. O momento de equilíbrio só pode ser reestabelecido pelo retorno à vida do dia a dia, nos lugares já conhecidos e trilhados.

E agora estava certo de que era pobre como dantes, porém que comeria em paz o seu churrasco; e em paz o seu chimarrão, em paz a sua sesta, em paz a sua vida!... (p. 322)

Mesmo se tratando de um registro lendário, ou, ainda, justamente por isso, a supressão dos limites entre os vários espaços e tempos é tida, no texto de Simões Lopes, como uma desvantagem. Os homens só podem reconhecer sua identidade ao se situarem num espaço e num tempo específicos, bem demarcados.

E é o talento de Simões Lopes Neto, que se vale das narrativas lendárias a fim de retratar o mundo no qual vive o gaúcho Blau Nunes, que consegue transformar o registro ilimitado de um espaço e um tempo originais em seus avessos, ou seja, em um espaço e um tempo que, apesar de estarem por perecer, justificam-se enquanto possibilidades concretas de existência.

A vida de Blau só é possível devido à demarcação específica de seu cotidiano e do lugar em que se desenrolam os fatos que narra, uma vez que não existe um modo de recuperar o tempo primordial, perdido pela própria imposição de se tornar eterno; ou reinventar o espaço ideal, definido pela imprecisão de seus contornos.

O mundo que aqui se pretendeu delinear, cenário natural povoado por um tipo humano diferenciado, pode muito bem ser considerado o sonho de alguns escritores, como Simões Lopes Neto, que, baseados em alguns dados pretensamente reais, souberam pintá-lo de modo a adquirir uma plasticidade aterradora. Esse sonho contém a mescla de idealização e desassossego necessária aos que buscam forjar uma identidade. Ainda que se baseie em um referente ficcional, o homem que habita o espaço que estivemos percorrendo transformou-se em uma das

possibilidades de retratar a face desconhecida, e relegada ao esquecimento, de uma determinada população.

Descontados os exageros heróicos e a utilização ideológica de uma tal figura pelas elites dominantes, que não são objeto de nossa análise, o gaúcho é, sem dúvida, o representante de um mundo novo, entranhado nas planícies meridionais da América Latina.

O cenário e, principalmente, o homem descrito por Simões Lopes, provocam estranhamento antes pelo aprofundamento que propiciam que pelo desconhecimento alegado. Perdido em um espaço sem limites, que se encontra em fase de destruição, o gaúcho causa espanto pelas próprias reflexões que propicia.

Da imaginação do autor de *Contos gauchescos* surge a figura de Blau Nunes, reiterando o mito do gaúcho ao mesmo tempo em que o corrói, compondo um quadro em que os fatos e as figuras revelam sempre o avesso das situações esperadas.

O gaúcho, descrito na obra de Simões Lopes, mas também na de outros autores, como Jorge Luis Borges, assume, pela intensidade de sua caracterização individual, uma posição universal. Não se trata, em nenhum momento, de descrever o solitário habitante do pampa com o intuito de reverenciar sua majestade, preterindo representantes de outras regiões, mas, antes de tudo, trata-se de demonstrar que os homens, mesmo inseridos em espaços diversos, possuem características comuns, que garantem a sobrevivência de cada um individualmente, mas aproxima a todos pela ânsia de compreensão e apreensão do mundo que habitam.

SIMÕES LOPES NETO E A INVENÇÃO DO GAÚCHO

DEBATE após apresentação do tema no IHU Idéias de 04.09.03.

Pe. Inácio Neutzling – *Seria possível concluir que uma característica do ser gaúcho, é o machismo?*

Márcia Lopes Duarte - Eu não sei se o machismo é uma característica essencial desse mundo, é complicado. No capítulo em que eu trato disso na minha dissertação, eu chamei a mulher de *uma ausência sempre presente*, porque a mulher aparece tanto nos textos de Simões Lopes Neto como nos de Borges. Mas ela não tem um papel; ela não age; ela é sempre passiva. Ou é aquela que move a ação, - às vezes ela serve como um mote para a ação, representando aquilo que vai motivar a ação dos homens, - ou ela é um prêmio que os homens recebem por serem valentes. Por exemplo, em *Homem da esquina rosada*, um conto de Borges, em que a mulher vai passando de um homem a outro e o narrador refere esta mulher como muito bonita. Então, primeiro ela é a namorada do Rosendo Juárez até que ele se acovarda e foge. Aí ela passa para Francisco Real, que é o desafiante. E, no final, ela vai dormir na casa do narrador que, como ficamos sabendo, foi quem assassinou Francisco Real. Essa questão da mulher que serve como um prêmio, não sei se é uma questão de machismo. Mas mostra, sem dúvida, um mundo estruturado pelas ações masculinas. Na literatura, pelo menos destes dois autores, a mulher normalmente não tem um papel ativo, ela está sempre presente, mas nos bastidores.

Pe. Roque Junges - *Muito interessante, por exemplo, no Grande Sertão, que é a questão de Diadorim que não pode se apresentar como uma mulher e tem que se apresentar como homem. A mulher aparece como benfazeja pois ela tem um papel central, apesar de que é, de certa maneira, um bode expiatório que acaba por ser expulso da comunidade.*

Márcia Lopes Duarte - Acho significativa essa questão de Diadorim, no Grande Sertão. A mulher está presente, mas, para ser aceita, ela tem que agir como homem. Então esse é um mundo em que a situação da mulher é uma situação complexa, um mundo em que a mulher não pode agir de forma feminina, justamente por causa dessa questão da violência, do duelo, a mulher, a princípio, estaria fora desse registro.

Prof. Luiz Rohden – *A relação Guimarães Rosa e Lopes, quer dizer, além do Riobaldo e o Blau Nunes, além da linguagem que tem um sentido universal, mas que é trabalhada a partir do particular, do interiorano, eu acho que entra o papel da mulher. Do Lopes talvez não tanto? O que você teria de mais específico talvez dessa relação? E a segunda questão: Lopes não é conhecido, se você olhar em nível de Brasil. E nem nós aqui o conhecemos! Qual o porquê dessa ignorância, se comparado com Guimarães Rosa. Seria pela linguagem própria do Lopes Neto?*

Márcia Lopes Duarte - Vou começar pela segunda questão, porque acho que é mais instigante. Eu acho que Simões Lopes Neto sempre foi estudado como um autor gaúcho. E isso o limita. Nós não estudamos Guimarães Rosa como um autor mineiro, nós o estudamos como um autor brasileiro. Numa certa medida, acho que entre os próprios pensadores do Rio Grande do Sul, eu raramente vi trabalhos que falassem de Simões Lopes Neto num âmbito geral. É sempre em relação à literatura gaúcha que se vê sua contribuição. Quando eu fui fazer o mestrado, eu pensei nessa questão: Simões Lopes Neto não é apenas um autor gaúcho. Ele é um autor universal! Essa comparação com a obra do Jorge Luis Borges é interessantíssima, porque mostra exatamente que as questões tratadas pelos dois autores em seus textos são muito similares. Borges é um autor maravilhoso. Ele é considerado um grande autor em todos os lugares, na Europa, nos Estados Unidos. Então, eu acho que o que falta ao Simões Lopes Neto é que os pesquisadores, no Rio Grande do Sul, tenham essa coragem de mostrar que a obra dele pode ser significativa para além das fronteiras do Estado. Essa comparação com Guimarães Rosa, por exemplo, nunca foi feita. Ninguém se debruça sobre Simões Lopes Neto para mostrar o que está na estrutura de seu texto e que vai influenciar o Guimarães Rosa, quando o próprio Guimarães diz que foi influenciado pelo Simões Lopes Neto. Então eu acho que é uma perspectiva, às vezes, um pouco localista que nós, os próprios pesquisadores do Rio Grande do Sul, assumimos em relação à literatura. Falta pensar o Simões Lopes Neto fora das fronteiras do Rio Grande do Sul. Quanto à questão da linguagem, se isso fosse um impedimento, o Guimarães Rosa não seria lido. Além de Lopes Neto escrever em uma linguagem regional, ele também trabalha formalmente seu texto, embora não no mesmo nível de Guimarães Rosa.

Pe. Inácio Neutzling - *A questão religiosa não aparece na identidade gaúcha, em Simões Lopes?*

Márcia Lopes Duarte - Olha, tem alguma coisa, mas eu acho que é muito de leve. Eu acho que ele não quis entrar nesse terreno da religião.

Pe. Roque Junges - *E a superstição? Essa parece estar mais presente.*

Márcia Lopes Duarte – Esse aspecto, sim. Está presente a questão da religião mais popular, da credence, desse substrato mais popular. Mas a religião oficial está no nível da sociedade organizada, das instituições que não estão presentes nos textos de Simões Lopes Neto.

Pe. Roque Junges - *Não sei se essas temáticas que estão em Guimarães Rosa também, essa coisa da violência lícita, ilícita, a questão da covardia, tudo isso está lá também. Agora, não sei se teria alguns temas como a questão do demo, que em Guimarães Rosa é muito forte; essa questão de um fatalismo, do mal representado pelo demo. Não sei se isso aparece também em Lopes Neto?*

Márcia Lopes Duarte – Sim, tem a questão que eu chamo de maldade intrínseca. Ele vai trabalhar com isso, mas me parece que isso não está ligado à religião, está ligado à questão da individualidade. Logo, ele apresenta alguns indivíduos que são por natureza maus, que poderiam estar ligados às forças sobrenaturais do mal, como uma entidade. Ele trabalha isso dessa forma, mas acho que ele não liga isso a uma possessão, digamos assim. É mais uma questão de indivíduos como no conto *No manancial*, por exemplo, em que ele vai referir, que aquele era um homem que era malvado, que tinha uma índole má No conto *Boi velho*, no final, o narrador vai afirmar: *cué, puxa! o homem é bixo mau!* Então, ali também está expressa essa questão da relação do homem com o animal, que acaba sendo humanizado de forma a mostrar as defasagens humanas, acho que é um conto muito interessante. Aí ele vai falar da maldade como uma coisa intrínseca do homem, como alguma coisa que está arraigada e que, em alguns momentos, vai transparecer. Mas isso não está ligado propriamente à questão do mal como uma entidade religiosa. É uma coisa mais individualizada.

Pe. Roque Junges – *Em Guimarães, está muito presente a criança e, em Lopes, esta se encontra afinal?*

Márcia Lopes Duarte - Não! Acho que tem um conto dele em que aparece criança. Nos outros todos, não.

Roque Junges - *E o negrinho?*

Márcia Lopes Duarte - É, na lenda denominada *O negrinho do pastoreio*, sim. O negrinho tem essa inocência, mas aí, acho que a questão não é a questão da infância, é uma questão de maldade *versus* inocência, também ali aquele estancieiro do negrinho, ele é mau! Mas, por exemplo, no Simões Lopes Neto, não tem muito essa questão da religiosidade, porque, em algumas referências da lenda do negrinho, ele é afilhado de Nossa Senhora, o Simões Lopes Neto não vai entrar muito nesse terreno, ele foge um pouco dessa coisa da religiosidade.

Pe. Inácio Neutzling – *No IHU On Line nº 73 há algumas entrevistas, em que pesquisadores da obra do autor respoderam sobre a posição político-social de Simões Lopes Neto. Tens alguma idéia sobre isso?*

Márcia Lopes Duarte – O que eu tenho como referência é que ele não foi um revolucionário, no sentido político ou social do termo, nunca teve idéias ou ideais revolucionários, mesmo que, na literatura, ele tenha sido um revolucionário. Mas não consta que fosse alguém que se batesse por ideais, pelo menos que eu tenha referência.

Pe. Roque Junges – *Foi interessante sua colocação de que a identidade se forma na literatura. Acho isso muito interessante. Evidente que não pode ser uma coisa só criada pela literatura. São fatos históricos que têm que ser mediados pela literatura, pois o puro fator histórico não forma a identidade.*

Márcia Lopes Duarte – Exatamente. Por exemplo, em relação ao gaúcho, existe um dado real. Existiu um gaúcho histórico, mas esse dado foi se perdendo. Ele é transformado, ele é re-trabalhado pela literatura. E, é a partir disso que se forja a identidade de uma coletividade. Um exemplo disso são os centros de tradições gaúchas, os CTGS, o gaúcho que é reverenciado ali, não é o gaúcho histórico. É o gaúcho literário. Inclusive várias músicas que estão ligadas a esse movimento tradicionalista vão reverenciar os heróis desses contos. Então tem muita música sobre o Negro Bonifácio, sobre o Jango Jorge... Esse é o gaúcho, que vai servir como matriz para a identidade.

Roque Junges – Aconteceu em algum outro lugar do Brasil uma coisa parecida?

Márcia Lopes Duarte – Podemos pensar um pouco na questão do Jorge Amado, por exemplo. Não conheço a Bahia a esse ponto, mas já ouvi falar, que as pessoas se identificam com aquilo que Jorge Amado escreveu sobre a Bahia e os baianos, as pessoas se vêem nos textos de Jorge Amado. Mas, na verdade, é a partir da obra dele que as pessoas foram adquirindo aquela malemolência toda. Então parece que funciona um pouco assim. Quer dizer: ele trouxe um registro que é histórico, que está na origem. Mas ele trabalhou esse registro de um modo, que passou a ser visto como uma identidade positiva. Acho que a literatura tem essa capacidade de positivar certos comportamentos que, em alguns momentos, podem ter sido considerados negativos. Mas, como passam pela literatura, que tem esse poder de retrabalhar e de mostrar como uma coisa que já foi negativa pode ser um exemplo a ser seguido. Então acho que acontece isso com Jorge Amado e Simões Lopes Neto, em relação à identidade dos grupos sociais por eles retratados.

O tema deste caderno foi apresentado no
IHU Idéias dia 4 de setembro de 2003.

TEMA DOS ÚLTIMOS CADERNOS IHU IDÉIAS:

- N. 01 – *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 – *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dr^a Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Ms. Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Ane-marie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 – *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaño.
- N. 04 – *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 – *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 – *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 – *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp

